

Racismo e anti-racismo no Brasil: o caso dos povos indígenas

Objetivos e Metas

O objetivo desta rede de pesquisa é organizar três eventos no Brasil e na Grã Bretanha reunindo lideranças, artistas e intelectuais indígenas com acadêmicos e cientistas sociais para discutir o recente aumento do racismo e da violência contra as populações indígenas do Brasil, assim como estratégias para resistir contra eles e combatê-los. Guiados pelos mais recentes debates teóricos sobre racismo (incluindo racismo ambiental e racismo cultural) e violência ambiental, e pelas experiências pessoais e coletivas dos povos indígenas tais como serão discutidas in loco e expressas através de documentos políticos e obras de arte, os participantes tentarão responder às seguintes perguntas: Por que o racismo contra as populações indígenas tem crescido de forma tão dramática no Brasil contemporâneo em comparação com as políticas de inclusão social? 'Racismo' é uma categoria útil para se analisar os atuais ataques contra os povos indígenas? Como o racismo cultural e ambiental se relacionam com o racismo de forma geral? Como o racismo contra as populações indígenas é propagado na mídia e nas artes? De que maneira a mídia e as artes (inclusive os canais midiáticos e artistas indígenas) podem ajudar a conter e reverter o crescente aumento de racismo contra os povos indígenas? De que maneira as atuais pressões econômicas e ecológicas na Amazônia e outros meio-ambientes naturais do Brasil incentivam o (e são incentivadas pelo) racismo? Como os líderes indígenas e suas comunidades vêem o atual aumento no preconceito contra eles? De que maneira eles estão resistindo? Que ferramentas os saberes indígenas tradicionais podem oferecer aos debates sobre racismo e meio-ambientalismo no Brasil? De que forma os atuais debates sobre raça e etnia na América Latina podem contribuir para as discussões sobre racismo e preconceito contra os povos originários do Brasil? Mudanças no sistema educativo e no currículo escolar podem ajudar a conter e reverter o atual aumento no racismo contra as populações nativas? Como o racismo contra os povos indígenas se compara com o racismo contra as populações negras rurais e contra as populações quilombolas?

Contexto político-social

Os habitantes originários do Brasil enfrentam um dos momentos mais perigosos da sua história recente. A floresta Amazônica e outros meio-ambientes naturais do Brasil estão sendo destruídos num ritmo não visto desde a ditadura militar dos anos 1960-70. A guinada à esquerda representada pela eleição do Presidente Luis Inácio Lula da Silva (2002-2010) do PT (Partido dos Trabalhadores), e de sua aliada Dilma Rousseff, trouxe várias melhorias na qualidade de vida dos setores mais pobres da população brasileira (melhorias medidas em termos de acesso a bens básicos como comida, serviços médicos, educação e lazer). Ao mesmo tempo, o modelo econômico levado a cabo pelo PT, baseado em noções tradicionais de 'desenvolvimento' e 'progresso', e a sua aliança com grandes proprietários rurais e

empresários de construção civil, geraram um aumento dramático no número de ataques contra o meio-ambiente e contra os direitos e o bem estar das populações tradicionais, sobretudo indígenas. Dados de 2013 indicam que o assassinato de pessoas ameríndias aumentou 168% durante os governos de Lula-Rousseff em comparação com o governo anterior, uma taxa que por sua vez aumentou em 40% em 2014, ano que também testemunhou um crescimento exponencial no número de suicídios indígenas, que chegaram a 135, o maior número em 29 anos. A situação vem piorando ainda mais depois do impedimento de Rouseff e da chegada ao poder em 2016 de uma equipe de governo interina e com tendências à direita. Reservas e parques indígenas vêm sendo repetidamente invadidos e atacados por pecuaristas, garimpeiros, madeireiros e pela construção de gigantescas usinas hidroelétricas e rodovias. A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) vem sofrendo o pior ataque desde que foi criada, em 1967, com cortes expressivos no seu orçamento, desestruturação, deslegitimação de suas ações, intervenções políticas e nomeações de cargos contra a sua vontade e, sobretudo, sem consultar os próprios povos atendidos. Embora sempre tivesse existido, o racismo contra os povos indígenas vem se tornando, nos últimos anos, mais aberto, e perigosamente aceito em muitas partes do país, com numerosos casos de homens e mulheres indígenas sendo publicamente atacados, tendo serviços recusados em hospitais, restaurantes, e até sendo expulsos de transporte público, num claro desrespeito às leis anti-racistas do Brasil. Representantes políticos do novo governo interino não se inibem de fazer comentários ofensivos contra comunidades e pessoas indígenas na imprensa, e um candidato às eleições presidenciais de 2018 prometeu abolir todas as reservas indígenas se for eleito.

Ao mesmo tempo, o ativismo indígena é hoje mais forte do que jamais foi. Além de se organizarem em grandes grupos políticos, os povos originários do Brasil estão usando a mídia tradicional e não tradicional para se conectarem entre si e para educar a população não indígena do Brasil sobre os modos de ver o mundo e filosofias de vida indígenas. Pela primeira vez, autores indígenas estão publicando os seus próprios livros, sobre uma grande variedade de assuntos que vão dos mitos tradicionais à literatura individual, história, biografia, política e meio-ambiente. Há, além disso, uma forte produção de cinema indígena, e um número crescente de artistas visuais e músicos estão se utilizando de meios de comunicação e gêneros de origem européia para se expressarem. Estudos nos campos da biologia, ecologia humana, arqueologia e estudos literários e culturais também estão trazendo à tona novos conhecimentos que confirmam a importância de práticas, histórias e filosofias de vida indígena para a conservação de populações e ambientes naturais. Muitas dessas práticas culturais podem nos mostrar como as populações indígenas vêem o racismo, e sobretudo, suas estratégias para combatê-lo.

Contexto teórico

Racismo é um assunto notoriamente difícil de ser abordado no Brasil. É um fato conhecido que nos anos 1950s o Brasil era frequentemente descrito como uma ‘democracia racial’ devido à falta de políticas abertamente segregacionistas e aos atos índices de casamentos inter-raciais. Apesar de o mito da ‘democracia racial’ ter sido desacreditado por acadêmi-

cos brasileiros e estrangeiros pelo menos desde a década de 1960, ele sobrevive no discurso popular e, embora residualmente, em algumas esferas acadêmicas. A implementação de quotas para afro-descendentes indígenas tem reaberto o debate sobre o Brasil ser ou não um país racista, com visões cada vez mais polarizadas sendo exibidas na imprensa e nas redes sociais. No entanto, a maior parte da discussão sobre racismo no Brasil se enfoca na violência sofrida por afro-descendentes. As populações originárias ou são vistas como parte de uma categoria genérica de 'não brancos', ou são completamente ignoradas. De fato, como em algumas partes da América Latina, 'raça' e 'racismo' são categorias raramente utilizadas para se referir à violência dos colonizadores europeus e seus descendente contra os povos indígenas. Ao invés de racismo, a relação entre os povos originários e os colonizadores europeus (e seus descendentes) tende a ser discutida com referência a 'etnicidade' e/ou 'cultura'. No entanto, como argumenta Wade, a tendência a separar 'raça' (para se referir à população de origem africana) de 'etnia' e 'cultura' (para se referir aos indígenas) não tem sido muito

produtiva (1997) . Em primeiro lugar, porque nos últimos anos os debates sobre raça têm se afastado da discussão de fenótipos para se aproximar da ideia de raça como construção ou processo, numa forte afinidade com as discussões sobre 'cultura' ou 'etnia'. Segundo, porque essa separação não apenas ignora o fato de que os escravos africanos, da mesma forma que os indígenas americanos, vinham de culturas vastamente distintas, mas também de que os povos originários do Brasil são e sempre foram vítimas de ataques racistas. O racismo, como nos explica Wade, é um fenômeno complexo que quase sempre envolve mais de um elemento: fenótipo, classe social, cultura e etnia, assim como atores que identificam a si próprios e aos demais de maneiras variadas dependendo da situação e das circunstâncias. Ao utilizar o termo 'racismo' para nos referirmos aos recentes (e históricos) ataques contra as populações indígenas, nós não desejamos insinuar que todas as formas de racismo são iguais. Tampouco desejamos menosprezar a importância da cultura, ou das especificidades culturais dos vários povos indígenas do Brasil. À distinção de outras formas de racismo, o racismo contra os povos indígenas se constrói sobre um paradoxo: os indígenas são simultaneamente acusados de serem bárbaros (não civilizados) e/ou de não serem suficientemente indígenas (isto é, de serem 'civilizados' demais), e portanto não serem 'índios de verdade'. Esse paradoxo poderia ser interpretado como estando mais próximo de questões que tendemos associar à etnicidade e à cultura (o que significa ser 'indígena' num determinado tempo ou lugar) do que de uma ideia de 'raça'. No entanto, como os recentes ataques físicos e verbais contra pessoas indígenas têm demonstrado, o discurso anti-indígena que predomina não é baseado em especificidade cultural mas em divisões bastante genéricas entre 'modernidade' e 'bárbarie', entre seres humanos 'superiores' e 'inferiores' que não diferem de outras manifestações de racismo em várias partes do mundo, e que no caso do Brasil têm suas raízes no passado colonial. E apesar de ser indiscutivelmente importante compreender os interesses econômicos que estão por trás desse discurso (em outras palavras, os interesses que motivam o desejo de usurpar os territórios dos povos originários a fim de levar a cabo atividades como extração de madeira, pecuária em larga escala, mineração, agricultura de exportação e especulação fundiária), também é importante compreender o discurso em si e como ele mo-

biliza temas e motivos racistas e ideias genéricas sobre raça, indianidade e cultura que levam, na prática, a atos e ações de cunho claramente racista.

Ao discutir a violência contra os povos originários do Brasil como **racismo** (uma clara mudança de paradigma), esta Rede buscará contribuir para uma melhor compreensão sobre os nuances do racismo no Brasil e as razões para o discurso abertamente violento contra as populações indígenas ter se tornado aparentemente mais aceito pelo público em geral na última década. Sobretudo, ao compreender como o racismo contra as populações indígenas opera, seremos capazes de avaliar a eficácia das várias táticas de resistência, tanto as atuais como as do passado, e possivelmente contribuir com novas sugestões de como conter o racismo. Algumas dessas sugestões serão incluídas no documento que será redigido no segundo encontro e entregue a representantes do governo brasileiro.

Dada a posição importante que o Brasil ocupa nas discussões acadêmicas sobre raça e racismo, as conclusões e os debates desta Rede irão definitivamente oferecer uma contribuição para o avanço dos conhecimentos sobre racismo e relações raciais nas humanidades e ciências sociais. Esta Rede poderá levar a subseqüentes colaborações entre os parceiros, sobretudo porque a pesquisadora principal está planejando um novo projeto a ser financiado pelo AHRC, em parceria com Peter Wade, intitulado 'Culturas de Anti-Racismo na América Latina', cujo conteúdo e estrutura serão parcialmente baseados nas atividades descritas neste projeto de pesquisa.

Cronograma de Atividades

- A. Encontro de 3 dias na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) reunindo a Pesquisadora Principal (PI), Co-Pesquisador (Co-I), e o Parceiro Não Acadêmico Ailton Krenak, pesquisadores associados, convidados acadêmicos, e lideranças indígenas, incluindo membros de vários grupos locais, além de escritores indígenas, cineastas e artistas. Este encontro terá como enfoque as questões propostas no projeto e as experiências pessoais e coletivas dos participantes, que terão a oportunidade de dialogar com grupos afro-descendentes locais.
- B. Encontro de dois dias em Brasília, encabeçado por Ailton Krenak e outras lideranças indígenas. As discussões deste encontro resultarão num documento que será assinado pelas lideranças indígenas, acadêmicos (incluindo a PI e o Co-I), intelectuais indígenas e estudantes. O encontro incluirá discussões, rituais indígenas e a entrega de um documento para representantes do Poder legislativo e Judiciário.
- C. Encontro de dois dias na Universidade Manchester, Reino Unido. O objetivo desse encontro será discutir as implicações teóricas das atividades da Rede com acadêmicos que estejam desenvolvendo trabalhos sobre racismo e indianidade na Grã-Bretanha e Europa. O encontro também incluirá uma sessão aberta ao público para informar acadêmicos e não acadêmicos (incluindo a imprensa) sobre a atual situação das comunidades indígenas no Brasil.